ARLEQUIM
REVISTA DE ACTUALIDADES
1º DE JANEIRO
1928
PREÇO 1$500
Nº 8

Representantes de «ARLEQUIM»

NA LINHA INGLEZA.

SANTOS. — Moacyr Serra.
JUNDIAHY. — Horacio Lopes Camargo (venda avulsa)
BRAGANÇA — Plinio Paulo Braga.
PIRACAIA — Lydio Herdade.

NA LINHA PAULISTA.

CAMPINAS. — Americo Belluomini.
SANTA BARBARA. — Joaquim A. do Canto.
PIRACICABA —José Martins de Toledo.
LIMEIRA. — Nestor Martins Lino.
CORDEIRO — Antonio P. Lordello.
ARARAS. — Joviniano Pinto.
PIRASSUNUNGA. — Elias Mello Ayres.
PALMEIRAS. — Leonidas Horta Macedo.
PORTO-FERREIRA. — Carlos Fenili.
DESCALVADO. — Gabriel de Arruda.
SANTA RITA. - Gabriel Pompeu de Toledo.
RIO CLARO. — Valdomiro Guerra Corrêa.
ANNAPOLIS. — Pedro Levy.
ITYRAPINA — Joaquim Toledo de Camargo.
S. CARLOS — Ottoni Pompeu Piza.
ARARAQUARA. — Sizenando da Rocha Leite.
JABOTICABAL. — Clodomir F. de Albuquerque.
PONTAL. — Antonio Godoy.
MINEIROS. — Sylvio da Costa Neves.
JAHU'. — Synesio Paes de Barros.
BARRA BONITA. — Armando Ognibene.

NA LINHA ARARAQUARENSE.

MATTÃO — Walfredo Andrade Fogaça.
SANTA ADELIA. — Salvador Gogliano Junior.
ARIRANHA. — Bruno Vollet.
CATANDUVA. — João Pires de Aguiar.
RIO PRETO. — João Teixeira de Lara.

LINHA DOURADENSE.

BICA DE PEDRA. - Tito L. Ferreira.
ITAPOLIS. — João Ramacciotti.
SÃO JOÃO DA BOCAINA. — Lazaro G. Teixeira.

LINHA MOGYANA

MOGY-MIRIM. — Mario de Barros Aranha.
ITAPIRA. — José da Cunha Raposo.
ESPIRITO S. PINHAL. — José F. de A. Marques.
CASCAVEL. — Nicanor Martins Lino.
CASA BRANCA. — João Horta de Madedo
MOCOCA. — F. R. Baena de Castilho.
TAMBAHU. — João Barcellos Filho.
CAJURU. — Francisco Faria Barcellos.
SÃO SIMÃO. — A. Siqueira de Abreu.
CRAVINHOS. — Francisco Gomes.
RIBEIRÃO PRETO. — Antenor Ribeiro.
SERTÃOZINHO. — Leoncio F. do Amaral.
FRANCA. — Antonio Constantino.

LINHA SOROCABANA.

SOROCABA. — J. J. Fernandes Barros.
ITAPETININGA. — Elisiario Martins de Mello.
ITU'. — Firmino Teixeira.
AVARE'. — B. Euphrasio de Campos.
RIO DAS PEDRAS. — Manuel Costa Neves.
SÃO PEDRO. — Julio Oliveira.
CAPIVARY — João Stein.
ELIAS FAUSTO. — Vicente F. Bueno

LINHA NOROESTE.

BAURU. — Brenno Pinheiro.
PIRAJUHY. — Frontino Brasil.
PENNAPOLIS. — Gustavo Kuhlmann.
ARAÇATUBA. — Atoalba Rosa.

LINHA CENTRAL.

PINDAMONHANGABA. — José Vieira de Macedo.
CAMPOS DE JORDÃO — Delio Rangel Pestana.
GUARATINGUETA' — Julio Penna.

LITTORAL.

IGUAPE' — Eulalio Arruda Mello.

CAPITAL DA REPUBLICA. — Amadel Soares. Rua do Cattete, 186. Odilon Jucá (Exclusividade commercial) Rua do Ouvidor, 164.

ALAGOAS. — *Maceió* : José Lins do Rego.
CEARA' — *Fortaleza* : Gilberto Camara.
MINAS GERAES — *Bello Horizonte*: Mario de Lima; *Juiz de Fóra* : Alarico de Freitas; *Cataguazes* : Henrique de Rezende ; *Passos* : Wellington Brandão; *Santa Rita de Cassia* : Argemiro Pinto ; *Itajubá* : Benedicto Pereira; *Uberaba*: Reis Junior.
PARAHYBA — *Capital* : Adhemar Vidal ; *Campina Grande* : Irineu Persiano da Fonseca.
PARANA' — *Curityba* : Paulo Tacla.
PARA' — *Belém* : Alberto Queiroz de Andrade.
PERNAMBUCO. — *Recife* : Mario Mello.
RIO DE JANEIRO. — *Nictheroy*: Murilla Torres.
RIO G. DO NORTE. — *Natal*: Luiz da C. Cascudo.
RIO G. DO SUL. — *Porto Alegre* : Mansueto Bernardi ; *Santa Maria* : Vicente Gomes; *Pelotas* : Sallis Goulart; *Caxias*: Olmiro Azevedo; *Bagé* : Fanfas Ribas; *Tupaceretan* : Baldomero Fernandes ; *Cachoeira*: Orlando da Cunha Carlos; *Lageado* : Decio Martins Costa ; *São Luiz Gonzaga*: Juvenal Pinto; *Santiago do Boqueirão*: Rivadavia Severo.
SERGIPE — *Aracajú* : Epiphanio Doria.

IRMAOS FERRAZ - BRIGADEIRO TOBIAS, 28 - SÃO PAULO

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS
POR ANNO 40$000
POR SEMESTRE 22$000
NUMERO AVULSO 1$500

GERENTE
HORACIO K. DE ANDRADE

REVISTA DE ACTUALIDADES
PUBLICA-SE ÁS QUNTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Libero Badaró, 28, 3.º andar, sala 14
CAIXA POSTAL 3323
PHONE 2 — 1.0.2.4

DIRECTORES
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ILLUSTRADOR
J. G. VILLIN

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, RAUL BOPP, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

A Expansão dos Sentidos

Era no cinema. Representavam "La Glu" de Richepin, o emocionante estudo que a Academia Franceza coroara, mas que dera ao seu autor muito menos renome que "Les Blasphèmes"

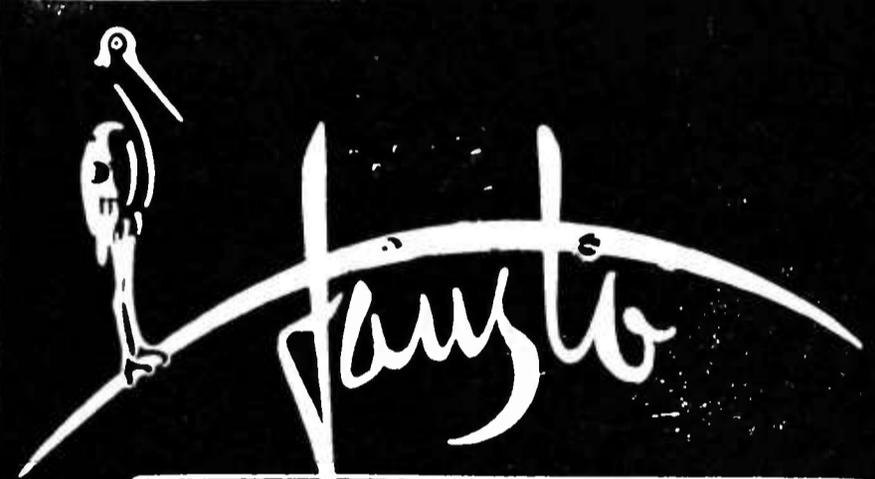
A meu lado, fixa, immovel, absorvida pelo drama, uma senhora linda, quasi quarentona, de ar sadio, com o ar profundamente vigoroso de flôr desabrochada...

Eu não olho as fitas: cançam-me a vista e, regra geral, irritam-me a visão esthetica. Prefiro vêl-as atravéz da mascara dos outros, nos movimentos musculares do facies alheio. E aquella mulher, mãe de familia, tendo ao lado uma filha noivando, offerecia-me nitida, mas indescriptivel, modificada pelos seus nervos, toda a subtil psycologia do francez immortal. Aquella mulher, que não teria ido ao cinema se lhe houvessem dito, vagamente embora, que o film era immoral, porque tratava da historia de uma prostituta, na mais franca e na mais clara accepção do vocabulo, aquella mulher gozava... O titulo da peça era tão innocente...

Havia pregas labiaes naquelle rosto denunciadoras de sentimentos inexpressiveis: movimentos de zigomaticos, rapidos, felinos quasi, revelando o inicio de desejos de situações identicas; trismos fulmineos, indecisamente esboçados; sorrisos cuja eclosão não foi completa e se perderam, lassos, no apontar de um anseio; espasmos de mento numa explosão repentina e ephemera de nervos excitados no mais profundo de seu intimo; tremuras-relampago a irradiar num atimo a physionomia toda, brilhos de olhares que se illuminavam de um fulgor celere, palpebras cerrando-se a meio, num meio gozo, convulsas e voluptuosas... Aquelle rosto era um poema de nervos!

Senti diante delle a impotencia da lingua; a aspereza, a brutalidade dos vocabulos e das construcções, inaptos á significação das meias tintas do desejo, inhabeis a interpretar as volições mentaes, porque aquelle rosto era o relato completo, perfeito, integral de tudo quanto ha, em nossas almas, de sonhado e irrealizavel, de tudo quanto ha em nós de seculos e millenios de mysticismo e duvida, de superexcitado e fantasmagorico, de almejos inattingidos e de sonhos impossiveis.

Não olhei mais nada durante a noite toda. Pois si ella estava alli me offerecendo, em flagrante, o palimpsesto de seu temperamento ou a tara, talvez, de uma raça toda!

Sud Mennucci

Fausto
COISAS FINAS PARA SENHORES
PRAÇAS
PATRIARCHA, 135
ANTONIO PRADO, 7

AOS QUE NOS ESCREVEM

Lili (Capital). Viva! Você, em cinco linhas, deu um geitinho de me dizer que tem tres automoveis, um cachorrinho de raça, um papae rico, uma governante ingleza e outras preciosidades de por agua na bocca da gente. E você, numa delicadeza linda, declarando-se minha grande admiradora e de "Arlequim", põe á nossa inteira disposição todas essas coisas bôas. Muitissimo obrigado, menina, mas o que é que nós vamos fazer com a sua governante, o seu cachorrinho e o seu papae?

Victor Freire (Capital). Leiamos alto os seus versos:

Eu já fui feliz...
Dentro de minha linda caixinha
onde guardo os sonhos doirados,
está lá, sempre vivinha,
a sempre-viva que me deste
quando eramos namorados.

Tu me disseste:
Que o nosso amor viva
sempre, como esta sempre-viva ».

Hoje, como é terrivel confessar
o paradoxo!
A flor continua sempre viva,
mas o nosso amor... vestiu-se todo de roxo,
vestiu-se todo de saudades...

E a sempre-viva está lá, na caixinha,
a me recordar
que já fui feliz, em outras edades...
Que já fui feliz... que tristeza! que saudades!...

Lindos, meu amigo! Pena ser tão curto o seu poema e você não ter explicado muito bem que diabo de caixinha é aquella...

Luis (Capital). Obrigadissimo pelas felicidades que nos deseja e á nossa revista. A sua collaboração, como verá, foi acceita com algumas modificações, que nos permittimos fazer.

Baby (Capital). Agora, sim: é você, a sua intelligencia, a sua arte, o seu carinho que estão dando vida a estas paginas. Os dois desenhos que você fez, muito bôa, ahi estão desmentindo áquelle de outro dia, e que foi apenas producto da pressa e do meu relaxamento. E eu peço a você perdão, Baby, não como o penitente de ar grave e feio que esmurra o peito, e tartamudeia o « mea culpe ». Antes, os olhos abertos num sorriso, eu beijo as suas bonissimas mãos num « osculum pacis ».

Alfredo Lopes (Capital). Lendo a sua carta, que muito me agradou, e os seus versos, que não me agradaram nada, fiquei sem saber julgar o seu trabalho. Passei-os, então, a Postok Longo, o homem-terrivel desta casa. E Postok, escreveu a lapis vermelho uma sentença e um conselho, que transmitto a você: traduzindo o seu latinsinho — Sic transit gloria mundi, — ordenou: « que sigam os versos para a cesta ». E depois: Valerio. Diga ao seu amigo que escreva em prosa e abandone de vez o verso ».

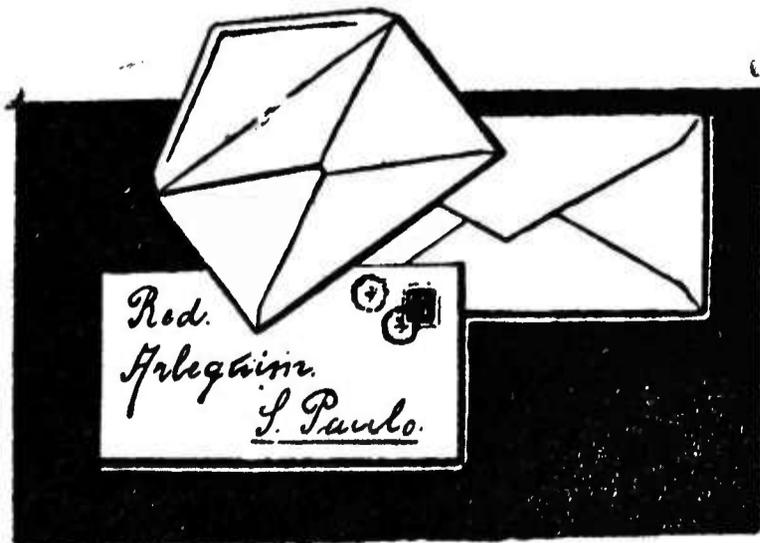
Cumprida a obrigação, aqui continuo, etc.

Carmen (Piracicaba). A sua carta não póde ser respondida nesta secção. E' assumpto melindroso que deve ser tratado entre quatro paredes fechadinhas e sem ouvidos, num ambiente todo cheio de perfumes e almofadas...

Léa (Capital). Muito obrigado por todas as felicidades que você me deseja para o anno novo. Infelizmente, minha amiga, eu já não creio muito na sorte e naquelle velhinho de barbas brancas que os meus sapatos esperavam na noite de Natal. A vida, que não poude ainda metter-me cabellos brancos na cabeça, já conseguiu, entanto, arrefecer a infinita alegria que brincava dentro de mim, pondo-me sorrisos nos olhos e cantares na bocca.

Emfim, é tão ridiculo e feio a gente ser como o sujeito do «Tango de la muerte», que vive gritando aos quatro cantos

"no tengo amigos, no tengo amores
no tengo patria, ni religion,"

que prefiro seguir aquella velha regrinha que manda chorar por dentro...

VALERIO

O VOTO FEMININO

Diante do artigo de uma das nossas mais brilhantes escriptoras, contra o voto feminino, lembrei-me do conceito feito por diversos patricios que encontrei na França, sobre a mulher brasileira.

O homem brasileiro, acostumado neste ambiente cheio de preconceitos sociaes, quando cae em Paris, tem a impressão de um descobridor... diante da vida! Começa por menospresar o que é nosso e termina humilhando a mulher brasileira.

De tres brasileiros, em occasiões diversas, ouvi a seguinte phrase dita com a rudesa que transcrevo:

"A mulher brasileira é tão estupida que só presta para ter filhos"!

E porque tudo isto? porque a mulher brasileira vive atada a convenções; porque a mulher brasileira é incapaz de dar expansão a um pensamento mais liberal, com medo de ser criticada.

De facto, até o seculo passado, a mulher brasileira não passava de uma machina de crear filhos; tinha uma unica preocupação (que ainda perdura em muitas) casar-se.

Encontrava um marido, ou antes, um senhor, que lhe renovava desenove ou vinte vezes os prazeres da maternidade, e, emquanto ella se consumia na creação de seus filhos, elle fazia a côrte ás cozinheiras.

Naquelle tempo raras eram as mulheres que emittiam um pensamento seu; contentavam-se em ouvir, ou então em repetir como papagaios a opinião do marido.

Felizmente aos poucos ella vae conseguindo a sua emancipação — as moças de hoje já trabalham, ja não fazem só crochet!

Agora que se nos apresenta essa opportunidade excellente para a nossa evolução — o direito de votar — isto é, de raciocinar, de agir, de deliberar e de executar sem obstaculos o que pensamos, ainda ha mulheres que aconselham as meninas da nossa terra a viverem eternamente presas aos grilhões que até hoje as antolharam.

A mulher, dizem os pseudo — entendidos, com o direito do voto, deixa o seu lar para se preoccupar com politica. Ora francamente, a mulher sempre achou tempo para se preocupar comsigo, com o seu lar, e com a vida alheia!

E' chegado o momento em que ella deve abandonar esta ultima e futilissima preocupação, em favor da politica.

O que temos nós com a vida dos outros? cada um procede como melhor lhe parece; não é porque a nossa vizinha deixa de levar uma vida eclesiastica que nós a deixamos de cumprimentar e vamos passar momentos preciosos da nossa existencia, em conjecturas sobre o que ella possa ou não possa fazer.

Penso ser justamente por isso o povo brasileiro um povo sofredor: tem as preocupações da sua vida e mais as da vida de todo o mundo!

Eu, que sou "feminina" em toda a accepção da palavra, pois acho que a mulher deve ser sempre mulher — fonte de encantos e seducções — não descobri ainda os inconvenientes do voto. Si a mulher — mãe ou esposa — tem tempo de fazer visitas, tomar chás, fazer "footing" e outras tantas cousas que a generosidade dos homens lhe permitte sem prejudicar o socego do lar, porque só para votar o tempo se torna escasso?!

Responda-me o egoismo masculino!

Maria Paula B. e Monteiro

A Outra Sombra

Quando ella sáe sósinha á rúa,
Dentro da noite silenciosa,
Eu sou a sombra mysteriosa,
que em sua sombra se insinúa
e a vae seguindo, cautelosa,
quando ella sáe sósinha á rua,
Dentro da noite silenciosa.

Tentação

(Traduzido do hespanhol)

Dão seus labios carminados
Tentação de seduzil-os:
Mas, do beijo, estão guardados
Porque são tão delicados
Que um beijo póde feril-os.

Raul Santos

Escrevendo ácerca das *Cartas á Henriqueta,* de Renan — conta Machado de Assis a resposta de um grego dada a alguem que se propunha imitar o rouxinol — "eu já ouvi o rouxinol!..."

Não é differente o temor que me occorre agóra, querendo relembrar Bilac, ao publico. De sorte que, entre o desejo de commemorar-lhe ainda uma vez, a memoria, e o susto de uma incompreensão, succede-me ficar scismando, a penna abatida — si melhor não fôra abandonal-a, e mais ao papel e á mesma tinta inutil e ir evocal-o em silencio, relendo suas rimas, *longe de tudo o pensamento*.

— Algum leitor apressado irá, porventura, até o final destas linhas, tentado ao menos, pelo doce nome de Bilac, que as enflóra?

Embóra. Durmam esquecidas entre as poeiras de um dia, mas fiquem, imagem de prece anonyma que ninguem ouvio.

Eu nunca falei a Olavo Bilac, vi-o, porém, tantas vezes, na rua, ou na tribuna das conferencias.

Nunca, nunca me passou no espirito, porém, aquella duvida que nos salteia ao depararmos de frente o homem que nos embalou o coração. Para qualquer de nós, esses lidadores da Belleza e esses criadores de rythmos e symbolos devem ser mixtos de deuses.

E, descontamos ao vel-os, na gloria de sua intelligencia e no esplendor das sensações que nos transmittiram, aquella parcella de argilla perecivel que se assemelha á nossa humanidade passageira.

Para mim, porém, ou fosse na rua, ou fosse na Poesia — Olavo Bilac possuia qualquer vestigio de um deus exilado na terra e havia um astrear de extranhas melodias daquelle *fantasma deslumbrador, do Dentro da noite*. quando eu o encontrava no meu caminho.

Quanta vez, por isso, não dei por mim, extactico, contemplando-o, ouvindo a cadencia dos seus versos

Aos olhos dellas, possuia a face do Dante qualquer que dentro em mim cantavam, e, só então, bem podia compreender a legenda do florentino que as mães apontavam aos filhos, nas ruas de Ravena, dizendo-lhe: ' Vede o homem que desceu aos Infernos"..
sombra tenebrosa; aos meus olhos, no contorno physico de Bilac, andava qualquer lembrança do firmamento, saudade ou mysterio que Martins Fontes definio num verso que me ficou no coração:

Ha uma estrella no céo que tem teu nome!

E' que os seus versos criaram em torno do seu nome um clarão de immortalidade.

Desses tres grandes poetas do nosso tempo — Raymundo, Alberto e Bilac, foi este, sem duvida, o mais erotico, senão o mais sensual.

Suas rimas queimam como labios de fogo; ha, nas suas estrophes, um interminavel barulho musical de beijos.

Tudo isso fará delle um poeta de longa vida, de vida eterna, pois que cantou e celebrou o Amor que tambem é infinito e eterno.

Deixar falar aquella critica que descobriu nos tropicos aquella flôr fria e gelada a impassibilidade... Confusão lamentavel dos que confundiram o castiço da fórma, a rima dobrada ao geito do ourives, sem um defeito, com aquelle marmore frio dos *Trophéos.*

Ella seria capaz, um dia, de vêr em degelo as aguas azues da Guanabara.

A convenção da emphase escureceu-lhe os olhos, deixando despercebida a face satyrica desse erotico impenitente.

Poetas que cantam *Canções romanticas*.. que seguem as espumas de Byron, que escrevem com as tintas quentes do coração, só por descuido seriam classificados de impassiveis.

Bilac, entanto, nem só ao Amor sacrificou os seus versos.

Lede-o naquelles cinco sonetos de *Tarde*, sob o titulo commum e epigraphico do *Diziam que*...

Lede-o! esquecido das cousas anonymas firmadas com nomes suppostos e recolhidas na *Bohemia Galante*, carinhosamente, pelo autor de *Verão*.

Alli está o aguilhão acerado dessa abelha diligente, tão magnificamente celebrada na *Quarta Serie*, por Alberto de Oliveira.

Alli, vereis mudado o nectario dos favos naquella lagrima de orvalho e fogo, cristalina, palpitando e ardendo.

Ai! dos inexperientes, tristes dos incautos e ingenuos que embriagados pela doçura do mél, olvidam a ironia corrosiva dessa vêspa fecunda!

Esses cinco Sonetos, perdidos naquelle orchestrar de harmonias, agem como cinco dedos de ferro de um pulso heroico, castigando as faces de um tempo miserrimo!

Nem foi para outros, sinão para aquelles ingenuos e inexperientes, que traçára a argucia experimentada de um D. Francisco Manuel de Mello, nas Cartas ao Rei, aquella sentença ouvida por elle aos maliciosos de Castella:

"El aspid anda en las flores, alerta, alerta, zagales"..

PHORCION SERPA

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I — 28 DE JANEIRO DE 1928 — N. 8

Em qualquer escriptorio,

ha sempre, pelo menos, um caso de mulher

Em vez da chronica de costume, um desenho. Que a intelligencia e a imaginação do leitor phantasiem á vontade o desenvolvimento deste caso, de que nos dá suggestão o lapis malicioso de Villin. Tão malicioso que nos mostra o "elle" de costas. Talvez para que o não reconheçam.

MASCARA DE COLOMBINA

pae joão

Pae-João é velho, muito velho. Já tem os olhos cansados e rajados de velhice.

Entretanto, ainda capina a Chacara que viu nascer, que plantou e de que, á força de trabalhal-a, se tornou parte integrante, sombra humana da sua ramaria.

Os primeiros donos da Chacara, ha muito morreram. Eram compadres de Pae-João, padrinhos da Maria. Pae-João recorda-se delles com uma saudade que põe ternos tons de orgulho em sua vóz. Anima-se a evocar aquelles tempos de azáfama, em que a Chacara acordava aos mugidos das vaccas leiteiras que o sol quando apparecia já encontrava ordenhadas....

A'quelles tempos de fartura, de abastança, succederam-se annos de marasmo, em que a Chacara ficou deshabitada e o mato tomou conta da horta, do quintal, até mesmo dos curraes. Esses annos, um a um, Pae-João, com os seus, tristonhamente os contemplou a accumular sobre a Chacara, com uma paciencia indiferente, a immensa desolação das coisas abandonadas.. Contemplou-os do rancho, ao lado da Porteira-Grande, junto ao Bico-de-Pato, cujo escarlate das flores gritava, pelos meses de Agosto a dentro a tristeza daquelle êrmo.

Depois. á Chacara vieram outros donos, que a remodelaram afanosamente. Gente moça, completamente estranha a Pae-João. Apezar disso, Pae-João continuou a morar no rancho e a capinar a Chacara.

Após esses, vieram outros, diversos

Hoje, Pae-João vive só no seu rancho. A mulher, as filhas, ha tempos, uma e outras, morreram successivamente. Pae-João não tem nais ninguem, nenhum affecto a prendel-o a este mundo, humanizando-lhe a existencia. Comtudo, ainda trabalha — capina, lentamente, como se o acariciasse esse mesmo chão que elle conhece a palmo.

No automatismo dos seus movimentos, com difficuldade, percebe-se o sêr humano, tão mecanico, tão innaccessivel ás vicissitudes ambientes elle se apresenta!..

E então, a gente fica cogitando si á humanidade terá sido menos inutil a vida de Pae-João

Reis Junior

A CARAVANA MEDICA BRASILEIRA

Em Montevideu: recepção na casa particular do Presidente da Republica. Vê-se, na photographia, entre senhoras da alta sociedade uruguaya, o Sr. Presidente da Republica; o nosso illustre amigo dr. Ayres Netto; o representante d' "A Noite"; drs. Francklin Moura Campos e Paula Santos, da Faculdade de S. Paulo e, entre estes, o academico paulista Pedro Ayres Netto.

Chegada a Buenos Ayres. Ve-se na photographia, entre outros, os professores argentinos Araoz Alfaro, Speroni, e o dr. Ayres Netto. Ao lado deste, está o notavel e saudoso professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dr. Nascimento Gurgel.

. . . .

... Quando desço á térra, martyrisa-me a contingencia humana. Refugio-me então no mundo ideal que creei, onde se não teme as agruras e miserias da vida terrena, onde domina toda belleza, toda a arte, toda a sublimidade.

... Ser artista do ideal, eis a minha paradoxal illusão...

. . . .

... Hei-de um dia atravessar os ares em busca do paiz das illusões puras, das chimeras santas, onde o calice da vida não tenha no rebordo o travo amargo da desesperança...

... E de lá hei de vêr em sonhos bellezas sem numero e maravilhas sem par, dos poetas jámais vividas nem sonhadas...

... No azul dormente do infinito descansarão meus olhos de toda a magoa e toda a dor que aqui na terra vivam...

.. E os meus ouvidos repousarão no silencio morto das solidões ethereas: nem gemidos, nem imprecações, nem gargalhar cynico...

... Subito porém, na quietação que me domina o ser, hei de sentir o eterno vibrar da memoria, que não cansa, a me lembrar o mundo de dôres que deixei...

...A piedade me reconduzirá então á terra, e eu arrastarei com os homens o meu manto de dôres, e chorarei sózinho, a saudade amarga que ficou do risonho paiz das maravilhas...

PHELIPPE GASTON.

O "reveillon" no Club das Perdizes

O anno novo desperta na alma das "ellas" novos planos de campanha, suggere systemas varios de vencer. E elles sempre na mesmice de quem se acredita superioridade numa illusoria

Os olhos fecham-se ou perturbam-se ao clarão brutal do magnesio; os dentes que riem claro, porém, illuminam as faces

Snta. Luiza Moraes,
da sociedade carioca

ELLA

Vendo-lhe o andar flexivel e ondulado
o mar, num murmurio apaixonado,
deu-lhe o nome de "vaga" ;
fitando-a,
a floresta, alviçareira,
ante um rosto gentil de feiticeira.
deu-lhe o nome de "maga"

Ao ver-lhe a chamma, scintillante e bella,
de seus olhos clarissimos, a estrella
deu-lhe o nome de "lume" ;
A flor, sentindo o aroma, a essencia pura,
que, passando, ella exhala da figura,
deu-lhe um nome : "perfume".

Eu, porém, na serena beatitude
de uma existencia que não mais se illude.
nem a olhei sequer ;
Ao sentil-a passar, commigo eu disse,
baixo, baixinho, que ninguem me ouvisse :
deve ser a "Mulher !"

Faria Neves Sobrinho

A directoria do S. Paulo Tennis, um pugillo de jovens que sabe alegrar suas horas e as dos outros... e das outras.

A consoada no São Paulo Tennis, em cujos elegantes salões houve risos, danças, murmurios...

Entre uma dança e outra, ha sempre a tregua de uma contemplação ou de uma fileira de sorrisos, perturbando a objectiva de "ARLEQUIM".

Ainda o baile do São Paulo Tennis

No Club das Perdizes, um lindo bando desabotôa-se em sorrisos, talvez sem saber porque, talvez sem saber de quem.

Um principe da esculptura

P. Fosca, o eminente artista, que a São Paulo já foi dado conhecer, acha-se de novo entre nós, de volta da Italia. Trouxe-o para o nosso convivio a saudade. Porque Pasquale Fosca levou de nossa terra para a sua uma impressão agradavel e duradoura.

Regressando, quiz tambem trazer algumas obras ainda ignoraddas do publico paulistano e que nós iremos mostrando pelas paginas de "Arlequim".

Publicamos ha pouco, a estatua da "Piedade", que se encontra no Cemiterio Monumental de Staglieno, em Genova, na Italia, e que foi declarada monumento nacional pelo primoroso de sua factura.

Hoje reproduzimos a Nossa Senhora que se acha na Matriz de Santa Cecilia, nesta Capital, e que é das obras-primas do insigne esculptor talvez, aquella que mais trabalho lhe deu e na qual mais estudo, labor, zelo e carinho gastou.

Dedicando-se a essa esculptura, P. Fosca não quiz repetir as interpretações classicas da concepção da Virgem Puris-

sima, Nossa Mãe. Sem sahir da orthodoxia catholica, creou uma forma nova, originalissima, que S. S. o Papa Pio X approvou: concebeu elle Nossa Senhora, carregando Jesus ao collo, pisando o globo. Na hora em que o Menino Deus vê a terra insensivelmente toma a posição do crucifixo, ao mesmo tempo que uma rosa se destaca e vae cahir sobre o globo.

Satan, que está em baixo, em fórma de serpente — comprehende os dois movimentos: o de Jesus e a queda da rosa; intue-lhe o alcance e a missão de paz e de amor e perdão que a creança divina vae realizar, e em acto de desespero morde a propria cauda.

O outro cliché é o de São Francisco de Assis, o santo que é o verdadeiro creador da primeira renascença italiana e que mais funda repercurssão deixou entre os homens.

Fosca apresentou-o na sua celebre invocação ao Irmão Sol, que o banha de uma luz resplandescente, transfigurando-o de simples monge em emmissario de Deus na terra. O grande esculptor italiano tem uma opinião muito interessante e muito original sobre São Francisco

Os motivos que apresenta para justificar a mudança de vida do ricaço invejado de Assis no mais humilde e mais pobre dos ministros da fé catholica, é a que lhe ditou a factura dessa estatua, tida na Europa como das mais significativas da obra de Fosca.

Os dois clichés de moças representam duas floristas e são motivos allegoricos, e o vigoroso busto do general Diaz que se vê ao lado, é estudo de grande valor.

Daremos, nos proximos numeros, mais alguns trabalhos e, entre os de figuras brasileiras um medalhão de José Bonifacio, o Patriarcha da Independencia.

No Club das Perdizes, no baile de fim de anno

No branco das toilettes os dentes entre mostrados rivalisam com as perolas que se enrolam pelos collos. Alguma flôr ou fita dá o destaque da côr.

No baile da Associação dos Empregad[illegible] Commercio. O que houve? Quem sabe? [illegible] nem mesmo Deus, que criou tanta moç[illegible] nita, para desespero dos rapazes feios.

O REISADO

Na praça, sobre um palco improvisado,
cujas taboas ringem-rangem mal seguras,
dansam, cantando ao som trêfego dos pandeiros,
batendo os pés estrepitosos, as figuras
do reisado.

Dá-lhes em cheio a luz forte dos candieiros,
avivando ainda mais a côr dos seus vestidos,
a que se prendem laçarotes coloridos..

A praça está repleta. O ar é denso, abafado.

E o caboclo, com a voz mais triste deste mundo:

—"Rhê-rhá-rhê-rhá-rhê-rhá..." Um aboio profundo.

Em torno, os homens, olhos cheios de desejos,
fitam, de um modo estranho, as rudes dansarinas,
que lhes atiram lenços, entre beijos...

São quasi umas meninas:

—"Barca bella...—ô que bella..." E giram, desenvoltas,
num sapateio que sacode as taboas soltas...

Na sombra, a um canto, espiam, encolhidas,
umas mulheres dolorosas, mal vestidas:
jà dansaram tambem num palco semelhante;
foram jovens assim e bonitas de certo;
a outros homens, iguaes aos que estão alli perto,
atiraram, com um beijo, os seus lenços vistosos...
Depois... Dahi por deante,
perderam tudo, até os nomes de baptismo...

Salta o boi no tablado, entre applausos ruidosos:
"ô yáyá, ô yáyá,
óla o boi, que te dá...
Rhê-rhá-rhê-rhá-rhê-rhá..." Palmas. Cruzam-se os
[lenços.

E as figuras, movendo os olhos buliçosos,
que despedem, na luz, uns olhares intensos,
como as outras, tambem, cáem no mesmo abysmo...

CLEÓMENES CAMPOS

TIA FRANCISCA

Tia Francisca é velha timida, methodica, previdente. Quando eu era pequena e tinhamos de sahir juntas, levantava-se reboliço em casa. Eram dias extraordinarios (cinco, seis no anno). Titia era caseira pelo muito que se esfalfava nos passeios. Pudera!

Com quatro horas de antecedencia começavamos os preparativos. (Um mez antes já ella dizia, assustada: "No dia 31 temos de visitar o Freitas. Precisamos fazer vestido novo. Que amolação!")

— Minha filha, já tomou banho?

— Sim, senhora, de manhã.

— Tome outro. A gente deve sempre tomar o seu banho antes de se vestir. Apare as unhas, lave a cabeça, vista a camisa nova. Que? só dois cadarços na saia? ponha quatro; amarre bem... Dê ma's um nó... Assim! Vista o capote, menina!

— Está calor.

— Mas pode esfriar. Leve o guarda-chuva e as galochas. Ah os meus oculos! ia esquecendo... Fico tão tonta quando saio! Se esqueço alguma cousa que me faça falta... Que horror! O lenço! Por cautella levo tres. Nada! A gente se endefluxa quando menos espera... Vae vigiar o bonde, menina.

— Lá vem, titia!

A velha atarantada, tropega, pesadona, fazia por correr. Eu, na frente, tropeçava no guarda-chuva que ia arrastando.. Já na porta, arquejante, tia Francisca soltava grito horrosrisado:

— Esqueci o chale! ah, não saio sem o meu chale!

Corriam os criados a procural-o, esbaforidos, ás encontroadas uns nos outros, e o bonde passava, veloz.

— Está ahi! dizia a velha zangadissima Perdemos a hora. E' sempre isto. Nunca vestimos a tempo.

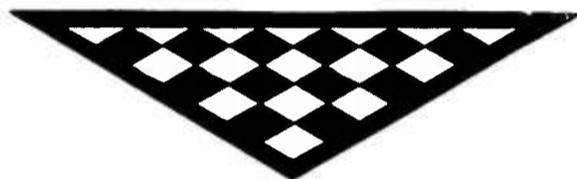
Eu, murcha, com a lã dos agasalhos a espetar-me a pelle, quasi preferia não passear. Por saber que na rua cont nuaria a atrapalhação — embrulho que cae, embrulho que se perde, garoto correndo atraz de nós, chamando:

— Psiu! Psiu! Olha o guarda-chuva!

— Muito obrigada.

A velha, custosamente, abria a carteira, pondo, para mais geito, todos os embrulhos debaixo do braço, á cata tonta de nickeis inachaveis com que recompensasse o serviçal.

Em summa: era um allivio quando voltavamos para casa e nos viamos, emfim, livres dos divertimentos!

MURILLA TORRES

REZA

Nossa Senhora dos Poetas incomprehendidos,
lembrae-vos deste humilde, deste Poeta triste,
e dizei-lhe, Senhora da Piedade,
que existe,
num recanto perdido do mundo,
um coração triste, um coração dolorido,
que lhe quer bem, que lhe quer felicidade...
Nossa Senhora dos Bons e dos Bohêmios,
Nossa Senhora do Perdão e da Ternura,
voltae vosso olhar para mim,
vosso olhar magnanimo, vosso olhar piedoso,
e dizei-me, num cicio de doçura,
e menti-me, na mais pura das mentiras,
que existe,
num recanto perdido do mundo,
uma menina que me espera,
um anjo bom que me quer e me venera,
e que tem uns olhos lindos assim:
lindos quenêm vosso olhar...

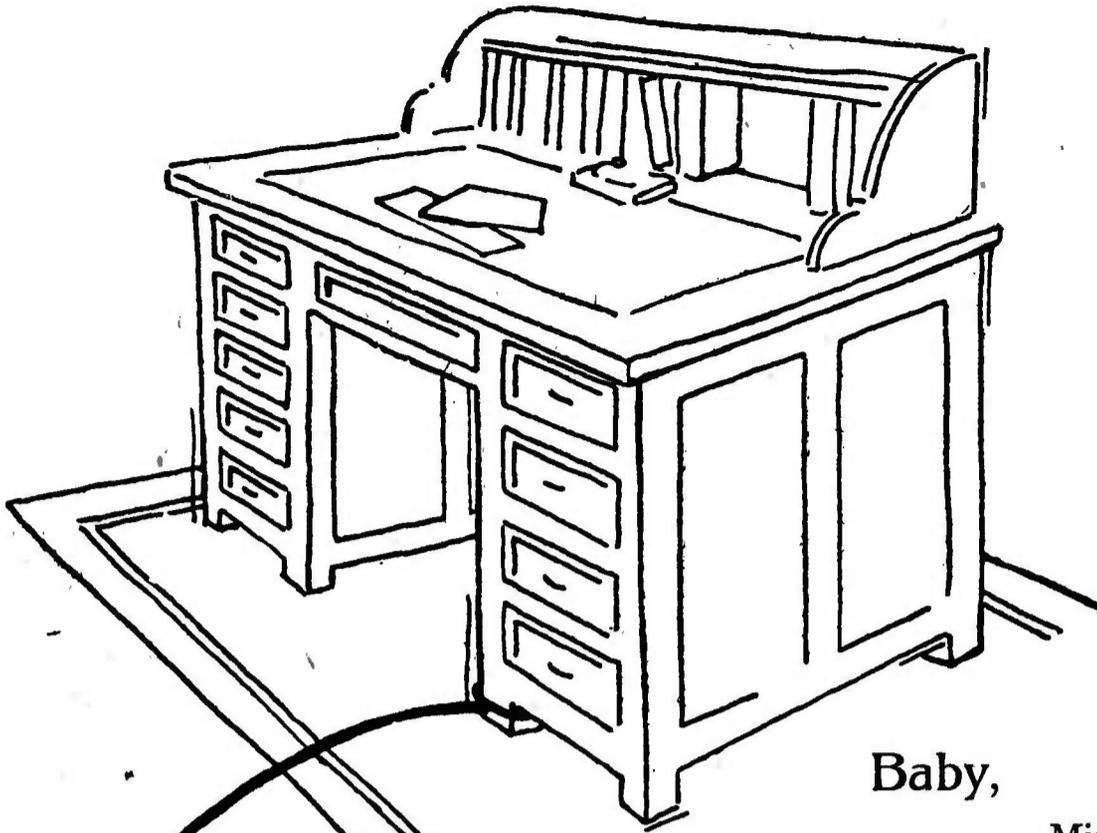
FLAVIO DE CAMPOS

DIALOGO NA TREVA..

— Dei-te a polpa dulcissima dos labios
ao teu beijo de fogo ,embriagador;
dei-te os meus seios puros, intangidos,
p'ra que elles te servissem de repouso
á fronte encanecida pelos desenganos;
dei-te, na carne ardente e capitosa,
toda a minha volupia para o teu amor...

E, afinal, que me déste, como recompensa,
da minha honra perdida,
da belleza desfeita,
da mocidade morta,
da renuncia integral da minha vida?

— P'ra que os homens te olhassem com respeito
e as mulheres te vissem com inveja,
não podendo offertar-te a tunica de rainha,
não te podendo dar o resplendor de santa,
divinizando o meu, o teu, o nosso crime,
eu te elevei ao vertice da gloria:
— Eu te fiz mãe...
eu te fiz sublime...

MARIO L. DE CASTRO

por culpa alheia

Baby,

Minha querida amiga

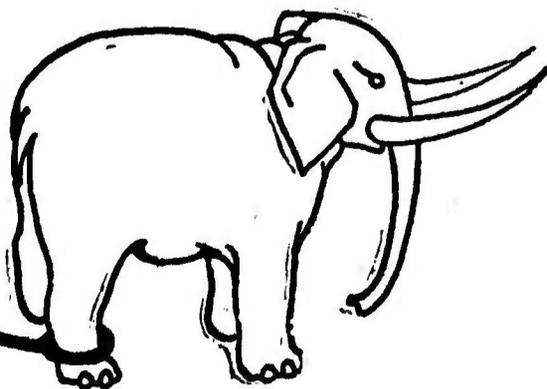
O elephantesinho de bronze que você me mandou, num gesto bom, como presente de Natal, faz já treze dias está amarrado no pé da minha mesa. Um cordão grosso e feio envolve-lhe a pata e imagine só como o pobre animalzinho tem soffrido.

Ainda hontem, segurando-lhe rispidamente as grandes presas, perguntei-lhe, muito aspero, se sabia porque estava alli de castigo ha tanto tempo. E o coitado nem me respondeu, Baby. Abaixou os olhos, isto sim, e ouviu, muito quietinho, toda a minha zanga:

— O sr. sabe, seu coisa, que Baby não me telephona ha duas semanas? Afinal de contas, o sr. veio para cá como *porte-bonheur* e não para ficar encarapitado, muito concho, lá no meio daquella almofada, sem fazer coisa alguma. Isso é privilegio dos lulus e das melindrosas. O sr., quando entrou para esta sala, perdeu o direito até de ter *spleen*. Portanto, mexa-se. Ou o sr. pode ou não pode: ou Baby torna a dar signal de vida ou o sr. vae continuar ahi, desse geitinho mesmo, até nunca mais!

Vê você, minha querida amiga, que o destino dos *porte-bonheurs* não é, com certeza, dos mais commodos. A gente fica acreditando que tudo o que acontece de ruim é por culpa delles. E prompto. Sobre elles recae logo uma porção de castigos: ou são atirados na sargeta ou espatifados ou ficam, como o meu pobre elephantesinho, atados ao pé de uma mesa, sem mimos, sem consideração, sem nada.

Reficta, pois, um bocadinho, Baby; e se não tem pena de mim, tenha, ao menos, minha amiga, commiseração delle, que está pagando uma culpa de você.

E volte de novo, logo, logo, antes que o meu elephantesinho morra de inanição e de tedio.

MAURICIO

EPISTOLA AOS CORYNTHIANS

II

Passou o Natal — pagodeira urbana que alguma coisa tem de commemoração, muito de gulodice e o resto de astucia commercial. E quando um acontecimento tem passado, meus irmãos, é natural que se lhe faça o retrospecto...

Disem que passou a festa das creanças, mas não cuidemos dellas, ou dessas que crescem por ahi, em bandos inconscientes, rindo e gritando. Ellas são felises, não têm nenhuma das tortuosidades da civilisação — de corpos novos, ainda na plenitude da sua naturesa — sem os esmagamentos produzidos pelos habitos do gosto alheio.. Têm os cabellos como nasceram, os dentes sãos, os pés primitivos, sem as deformações dos sapatos; o corpo roliço e a alma muito longe da vida... As creanças sadias são como os pintos, os patinhos, os leitões e os poldros — encantadoras no seu corpo novo e sem macula, mas tristes de enternecer pelo que os aguarda — a vida de trabalhos, soffrida e escravisada!

Venham commigo, meus irmãos... Deixemos as vitrinas geladas e cosmopoliticamente commerciaes. Esse papá Noel que mora nellas é uma victima decrepta dos transatlanticos. Arrancaram-no irreverentemente das aldêas marasmadas da velha Europa fria, das lareiras de Dezembro — tão velhas como elle — e o trouxeram para a praça do Patriarcha, onde figura, numa scenographia suspeita, assanhando negrinhos e mulatinhos e enfarando os bem nascidos, nos quaes vai semeando a incerteza de uma patria nova, tisnada indelevelmente pelo "Da noi", pelo "Chez-nous" e pelo "Nosotros"...

Venham commigo... Deixemos o Natal dos Tótós, nos canis de luxo, onde elles — peludos e enfitados — lambem mãos vadias e chocolates caros... Passemos pelas consoadas aos presos pobres, a quem se regala com um dia de banquete para que mais soffram, durante um anno, a miseravel comida das prisões!... Venham commigo á enfermaria das creanças, no Hospital da Santa Casa. Dispensam-se os compendios de pathologia; quando os meus irmãos virem o que vai por lá, terão deante de si o mais completo quadro nosologico.

São muitos os leitos e quasi todos grandes. Em cada um geme um petiz sosinho... Uns ardem em febre, outros, pallidos, de olhos enormes, contemplam, marasmados, o incerto da hora. Outros inchados, macilentos, frios; outros rubros, inflammados; outros amarrados em talas, embrulhados em panno; outros em nauseas e soluços spasmodicos; alguns rachiticos — o ventre enorme, a cabeça enorme, as pernas finas; e todos tristes e chorosos; todos amargurados, timidos e amedrontados .. Todos esperando um bem que não chega, na solidão que não se acaba!

Meus irmãos, eis o que hi está. Eis os que ahi padecem e choram, numa vasta sala, deitados em leitos grandes, anciando por um regaço ausente para aninhar o seu somno e a sua dor.. Mas o coração indifferente dos homens duros entrou ahi, afagando cada uma daquellas magnas chorosas com um gato, uma boneca, um carrinho, um burro e uma gaita — agrado triste de uma bondade irrisoria! No entanto, todos os petises apertam ao peito, com bracinhos tremulos de febre e de dor, o brinquedo inutil, como se procurassem protegel-o contra o fantasma da doença que lhes ronda em torno. Nenhum brinca, nenhum sorri e todos soffrem a dor do corpo e a ancia vaga dum brinquedo impossivel!...

Andem de automovel, meus irmãos; passeiem a sua saude, ao bello sol, na lisura das grandes avenidas; chutem, aos bons ares do campo, a vida que levam — estafada e vasia como uma bola... Comam e bebam gulosamente por todos os nataes; encham-se, com os seus amigos e compadres, de todos os vinhos e de todos os panetones exilados para esta bôa terra... Vão ao cinema esquecer esta massada humana, mas não deem mais consoadas aos presos pobres, nem brinquedos ás creanças doentes. Não mostrem os gozos aos que soffrem e nem a vida aos que vão morrer... Uma lagrima, um gemido e um sorriso, simultaneamente, geram uma tortura de alma e coração que não tem nome!

Deixem as creanças doentes sem polichinelos, sem gaitas nem carrinhos, já que não lhes podem dar o que ellas querem — um regaço quente, umas falas doces e infantis e as mãos macias e leves que as acalentam para dormir, ou para morrer...

Paulo de São Paulo

Na festa de encerramento do curso de declamação Nascimento Gama.

Na ausencia de "Arlequim", Pierrot fala de tristezas e sentimentalidades.

Um lindo grupo de alumnas daquella illustre professora, vendo-se ao centro a figura finamente esgalga de Yvonne Daumerie, que dirigiu uma linda scena de bailado.

A primeira festa de Edith Falcão

Não diz o "Larousse" se o famoso Arlequim gostava da gente nova. Da gente que ri e sonha. Que tem esperanças e illusões. Que tem amigos e tem saude.

O "Arlequim" de S. Paulo gosta. Para elle o que passou, nunca existiu. Se recordar é viver. preparar o futuro é ser immortal.

Venha a nós a mocidade! A senha é: "Viva a gente nova!" E o santo é santo Arlequim.

Paginas que são brados de victoria. clichés que só teem sorrisos. o nosso fim. a nossa vida é fazer viver. Mas viver a sério, que é como quem diz. viver a rir.

Onde haja enthusiasmo. calor. vibração. nós lá estamos. de alma risonha a tiracollo. promptos a mudar a face da terra.

"Arlequim" descobriu Edith Falcão na "Rataplan". Como em todos os descobrimentos. pode haver controversias, o publico dirá que tambem a enxergou. Olha a novidade! Na enternecida doçura da "Chinezinha". Na graça mimosa de "Outros tempos". Na alegria esfusiante dos finaes de acto. Na graça esbelta das suas attitudes. Até na timida surpreza dos seus triumphos, que tão bem vae naquella figurinha doce, airosa, modelada para a opereta ou para a alta comedia.

O publico enxergou-a e deixou-se encantar. Encanto pela artista e pela boa noticia que nos trazia com seus olhos negros e vermelho riso: a de que uma nova "estrella" surgia na noite do nosso theatro.

"Arlequim" resolveu por isso convocar a grande assembléa geral da arte e da elegancia para a grande festa do dia 17, a primeira festa da herdeira **gentil do** notavel temperamento artistico de **Maria Falcão, sua** mãe.

Edith, por gratidão, escolheu a nossa capital para a sua primeira recita, offerecendo-a a quem mais tem distinguido com applausos e sympathia a sua delicada sensibilidade artistica: ás senhoras paulistanas.

As nossas leitoras, desse modo, não poderão faltar. Será uma noite duplamente festiva. Flores no palco. Sorrisos na sala. Um encantamento estonteante em todo o theatro. Numa palavra, uma festa de "Arlequim"

A revista dessa noite — que nunca mais veremos senão na nossa saudade — chama-se tambem "Arlequim". O primeiro numero será ainda um "Arlequim"

encantador, um Arlequim — Edith, uma edição de luxo de "Arlequim" Juntando-lhe o elegante publico de "Arlequim", podemos bem affirmar que a festa do dia 17 será tambem a nossa festa, a festa de nossa gente. E, portanto, um sarau de requintada elegancia e bom gosto.

Edith Falcão interpretará ainda, em varios quadros de "Arlequim": um perfil delicioso de mulher moderna, num entre-acto encantador de Julio Dantas, intitulado "O primeiro encontro; a figura angustiada e sublime de uma recem-casada, quasi uma creança, que não abandona o marido ante a propria morte, num acto de "Grand Guignol" expressamente escripto para ella; a enternecida "Chinezinha" de "A Noite 1002"; o encantador numero "Os homens bonecos são. " de "Petalas ao vento"; trechos de opera e opereta com um conhecido barytono; e ainda varios numeros ineditos de cortina, que constituirão um grande triumpho para a homenageada dessa noite.

A missa dos doutorandos de medicina. A' porta da egreja de São Bento, poema modernizado de pedra medieva em pleno S. Paulo do seculo XX.

ELEGANCIAS

Ha uma cousa que nunca consegui comprehender e perdoar no meu amigo mau: o seu atheismo.

— Não comprehendo e não perdôo.

Elle sorri.

— E' um erro seu, minha amiga — eu tambem tenho os meus deuses. Não são, é verdade, esses que andam ahi pelo mundo, moldados á semelhança dos seus crentes. Nenhum delles veio ainda á terra para se vestir de homem e dizer cousas á humanidade. Elles andam por aqui, é verdade, mas não têm formas tangiveis, nem discipulos para explical-os. A tristeza dos deuses de todo o mundo é terem deixado na terra cidadãos com procuração para explical-os e agirem em seu nome. Os meus deuses não têm procuradores. Não querem e não precisam de sectarios e claques. Não são deuses vaidosos, não são deuses politicos e biliosos que ameaçam com ostracismos eternos aquelles que se não submettem.

— Seus deuses têm nome ?

— Os deuses não precisam nomes. Entretanto, nós os homens, não saberiamos explicar ou mesmo pensar em qualquer cousa que não tenha nome. Por isso eu dei nome aos meus. Elles são tres. Desconfio, porem, que é bem possivel que sejam tres expressões de uma mesma entidade.

— Que não tem nome

— Que não tem nome.

— E elles são

— O Silencio, o Amor e o Perfume.

— Eu comprehenderia o Amor como deus, meu amigo, mas

— Mas não comprehende como deuses o silencio e o perfume, não é?

— Exactamente.

— E' porque você nunca se deu ao trabalho de meditar, um instante, nelles. E' um defeito das mulheres bellas. Ellas olham simplesmente. Acham bastante serem objecto de meditações.

— Deixemos de galantaria e falemos nos deuses.

— Falemos. Sobre o Silencio não é preciso dizer nada. Carlyle e Maeterlinck, principalmente o ultimo, se encarregaram de dizer delle o que nunca os homens disseram dos deuses feitos a sua semelhança.

— « Le silence », por exemplo.

— « Le silence ».

— Resta o perfume. Não vejo nelle nenhum dos seus attributos de divindade.

— E' porque os attributos de divindade escapam aos homens Quando falo do Perfume, não me refiro somente do que anda nos frascos de crystal, falo do Perfume que anda em tudo neste mundo, absolutamente em tudo, nas flores, nas arvores, no vento, no sol, na noite, nas cousas, animaes e creaturas. E'

Afunda se mais na poltrona, olha a dansa da fumaça na ponta do rubi acceso em seu cigarro e prosegue:

— Não sei ainda porque os homens, incorrigiveis creadores de deuses, não elevaram cathedraes ao Perfume. E' preciso não ter olfacto para ignorar as cousas extranhas que dizem á nossa alma um aroma que passa no vento, que vem da terra, do ceu ou do fundo do nosso passado. Os dias que nós esquecemos, os olhares de que não nos lembramos mais, resurgem um dia dentro de nós, cantam dentro de nosso sonho e de nossa alma á simples presença de um perfume que o vento trouxe. O Perfume sabe tambem o sentido intimo daquella phrase cabalistica que fez Lazaro retornar do grande paiz mysterioso de onde ninguem retorna.

pelo perfume que o cão conhece o seu dono e as cousas do seu dono entre todos os seres e cousas da terra. O perfume é o sentido de reconhecimento na grande noite escura da vida. Maeterlinck declara ser o silencio o unico meio de reconhecimento entre duas creaturas destinadas a se amarem. Eu ajunto o perfume ao silencio.

Faz uma pausa, toma um gole de rhum, accende um cigarro e continúa.

— A affinidade de almas tem as suas raizes mysteriosas no grande silencio activo de Maeterlinck. A affinidade de corpos, a affinidade tangivel, reside nos mysterios do perfume. E o perfume não é mais que uma outra face do silencio, a sua face mais sensivel. Duas creaturas julgam, ás vezes, que se querem.

De repente, sem que uma palavra viva entre ellas, comprehendem que não se toleram, que não podem, mesmo querendo, caminhar hombro a hombro, nessa estrada tonta e cheia de vertigens que é o amor. Maeterlinck explicaria que, no primeiro silencio havido entre ellas, no silencio onde « deux ames vont s'attendre, les paroir vont ceder, les diques vont se rompre, la vie ordinaire va faire place a une vie oú tout devient très grave, oú tout est sans defense, oú plus rien n'ose rire, oú plus rien n'obeit, oú plus rien ne s'oublie »

Ellas comprehenderam que não eram feitas uma para outra. Certo. Mas, antes do silencio, o perfume de cada uma dessas creaturas já descobriu a incompatibilidade dos corpos, já viu o abysmo intransponivel existente entre ellas.

* * *

Os homens não ergueram cathedraes ao perfume como deseja o meu amigo mau, mas em compensação elle é adorado pelas mulheres e tem altares em seus corações; e é por isso que os perfumistas não descançam. Todos os dias temos novas creações.

Rigaud nos apresenta « Vers la joie », sua ultima creação, que exerce um imperioso attractivo. A belleza encontra nelle a emanação original e distincta que a completa.

Os perfumes de « Ciro », entre elles « Parfun Maskee », os habitantes do celeste imperio descobriram neste perfume a virtude de crear sonhos harmoniosos e deliciosos

« Chevalier de la Nuit », perfume cuja originalidade consiste em nos dizer o que nenhum perfume poude traduzir : a avelludada doçura das horas de amor e silencio em que se crê, enfim, poder attingir nossos sonhos

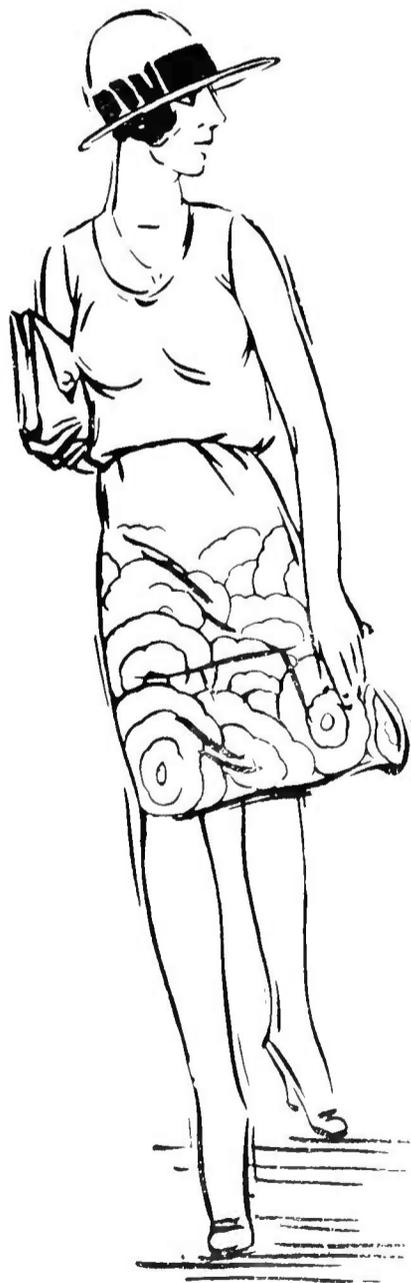
As costureiras, não querendo ficar atraz, tambem fabricam perfumes acompanhando nossas toilettes. Os de Eliane são raros e preciosos e toda mulher que os usa augmenta sua seducção.

Worth nos apresenta « Vers le jour » e « Dans la nuit » ineffaveis harmonias das noites de Verão. limpidos accordes das manhãs de sol.

Estas duas creações de Worth resumem a evolução do gosto feminino em perfumes.

Citaremos ainda os de Guerlain, Caron e os ultra chics perfumes de Babani.

MARILÚ

Quaesquer consultas sobre elegancias devem ser dirigidas a Marilú, caixa postal 3323.

PENSE NO SEU FUTURO!

Só Ficam Velhos e Encanecem os Descuidados

Combata a velhice prematura, que lhe é imposta pelos cabellos brancos. Para isso, porém, é preciso pensar muito na escolha de um producto que lhe possa assegurar o resultado tão almejado, sem comprometter o futuro.

Podemos garantir-lhe que a Loção Brilhante, o grande especifico capillar, restituirá sem prejuizo algum, a côr natural primitiva aos cabellos, tornando-os cheios de vigor e belleza e dando-lhes juventude real.

A **Loção Brilhante** age tonificando o bulbo capillar. Não é tintura. E' um especifico approvado pelos Departamentos de hygiene do Brasil e recommendado pelos principaes Institutos Sanitarios do Estrangeiro. Formula do Grande Botanico Dr. Ground, cujo segredo custou 200 contos de réis.

Nada lhe póde ser mais convincente do que experimentar o poder maravilhoso da Loção Brilhante. Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer-lhe até á evidencia sobre o valor benefico da Loção Brilhante.

A LOÇÃO BRILHANTE está á venda em todas as Drogarias, Pharmacias, Barbeiros e Casas de Perfumarias. Si não encontrar LOÇÃO BRILHANTE no seu fornecedor corte o coupon abaixo e mande-o para nós que immediatamente lhe remetteremos pelo Correio um frasco desse afamado especifico capillar.

COUPON Srs. ALVIM & FREITAS
Caixa Postal, 1379 S. PAULO

Junto remetto-lhes um Vale Postal da quantia de 10$000, afim de que me seja enviado pelo Correio, um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

OS ROMANCES DO VITO

O meu barbeiro, em Tapioca, era o Vito. Bom rapaz e excellente barbeiro, mas grande parola, bisbilhoteiro como todos os figaros de todas as Tapiocas do mundo.

Porque tinha lá as suas luzes, quando minguavam freguezes, matava o tempo lendo, de preferencia romances cortados dos jornaes e pacientemente colleccionados.

Como era meu costume ir ao salão nas horas em que sabia não haver lá ninguem, encontrava o Vito mergulhado na sua leitura favorita.

Delicado, deixava-a, porém, sem constrangimento, de cara alegre. Mas, emquanto desempenhava os misteres do seu officio, costumava entreter o freguez com a narração dos capitulos lidos até ahi, e nisso revelava muito boa memoria e um prazer todo seu.

Era esse um modo de os relêr de memoria, com muito proveito para a cultura de sua freguezia, segundo affirmava.

Porque o Vito era um desses mortaes que sonhám com os heroes dos seus romances, e não têm socego na vida emquanto não chegam ao epilogo, com as suas respectivas reticencias finaes...

Nos lances tragicos do relato que ia fazendo, interrompia o seu mistér, e punha-se a gesticular, de navalha na mão, completamente enlevado, o que me causava arrepios na pelle a pensar de mim para dentro:

— Se o homem enlouquece, estou frito!

Recorri a varios estratagemas para acabar com a mania do rapaz, mas todos elles se revelaram innocuos, improducentes.

E o Vito reincidia, a debulhar enredos e mais enredos de romances.

Fingi uma grande distracção, para mostrar desinteresse: — nada. O rapaz via atravez de outro prisma, e entendeu que o meu silencio era motivado pela curiosidade.

Lembrou-me um dia dizer-lhe que conhecia o romance, obra barata, ruim, e que o que merecia era as fogueiras da Inquisição...

Foi peor. O barbeiro abespinhou-se como se fora elle o autor, e queimou todos os cartuchos de que dispunha para me vencer e fazer capitular.

E desandou, desabotinadamente, a recordar os episodios mais interessantes, para demonstrar que o meu juiso era falso.

Nesse dia, quando chegamos á escovadella da roupa, indispensavel após a barba, para fazer jus á gorgeta, estavamos ainda na metade do romance. De sorte que, a escovadella desse dia, excedeu a quantas escovadellas de barbeiros finorios trago guardadas na memoria.

Mas não desesperei. Esperei pelo tempo, convicto de que se não ha bem que não se acabe, tambem não ha mal que sempre dure.

Um dia fui ao salão cortar o cabello, e o Vito, suppondo tornar-me menos desagradaveis aquelles eternos minutos de posição incommoda a que é obrigado a ficar um mortal no barbeiro, começou a despejar-me nada mais nada menos que as "Memorias de um medico" de Dumas pae, e que estava lendo no folhetim do "Estado", — um chorrilho de 32 volumes, se a memoria me é fiel...

Suei frio. Era forçoso procurar uma sahida, um dique reparador. Resolvi então, como ultimo remedio, recorrer á psychologia e ella me salvou.

Desse dia em diante, entrei a estudar o barbeiro, dos pés á cabeça e, ao cabo, vim a descobrir que o Vito tinha os pés grandes, desconformes, e raramente encontrava fôrma para elles nas sapatarias... E, o que era mais, o Vito não gostava que se rissem delles. Não gostava. E porque o Vito não gostava, teimavam os rapazes que lhe frequentavam o salão, em fazer delles o objeto de seus gracejos...

O Vito ria, a principio, com um riso amarello; mas a uma nova investida, fazia-se vermelho como um camarão, e depois, cahido num sério amarrava a cara. E não perdoava áquelles que se excedesse na brincadeira; guardava-lhe um certo rancor.

Via-se que aquelles pés eram o mais tremendo precalço da sua vida, e nunca perdoaria á mãe natura tão estravagante presente. Envergonhava-se daquillo como de um aleijão repellente. Mas tinha só aquelles, e não os podia deitar fóra...

Uma tarde em que o barbeiro estava a dar uns talhos nas melenas dos rapazes candidatos ao namoro — era um sabado, dia de bailes em Tapioca, — vendo o salão apinhado de freguezes, entrei.

Emquanto esperavam a sua vez, os rapazes, motejando, jogavam á *dama*, e desmanchavam-se em risos, a glosar os pés do Vito.

Julguei azado o momento. A uma deixa, aproveitei a brécha, e entrei com uma anedocta.

— Por falar em pés, li que o caso mais estraordinario da grande guerra, foi o de um jovem soldado francez, heroico, valoroso, e que se parecia nalguma coisa com o Vito. Pois esse moço, apezar de todo o seu valor e admiravel sangue frio, que o fizera sahir illeso de varios combates, tambem pagou um dia o seu tributo á patria. Ferido certeiramente no coração com um balaço, morreu instantaneamente, mas, — facto digno de nota! — conservou-se de pé... e só veio a cahir dois dias depois... E' que o jovem soldado francez tinha os pés grandes como os do Vito...

A roda gostou do caso, e cascalhou uma dessas risadas de abrir a bocca e fechar os olhos; o Vito fez-se rubro como um peru enfezado, e creio que até hoje o não esqueceu. Porque, desse dia em diante, o Vito começou a tratar-me com uma sériedade muito comica, aboliu a escovadella final e nunca mais falou em folhetins...

NICOLAU PERO

Vergini morte

OLAVO BILAC

Quando una vergine muore, subitamente brilla
Nov'astro ne l'azzurro cupo del firmamento:
E l'alma de la morta, di momento in momento,
Ne la luce di quello palpita e disfavilla.

Voi che parlate a soli nel raccoglimento
Del camposanto in seno a la notte tranquilla,
Cautela! Il parlar vostro, quale prece zampilla
Sussurra e sale al ciel su l'alitar del vento.

Innamorati cui la bocca transbordando
Di baci, perturbate il campo consacrato
Il casto cuor dei fiori di palpiti imfiammando,

Pietá! Vedono tutto oltre le zolle oscure,
E l'impudore offende los guardo congelato
Di lor che visser sole e che moriron pure.

La lingua portoghese

OLAVO BILAC

Ultimo fior del Lazio, inculta e bella,
Insieme sei splendore e sepoltura,
Oro nativo che in volgar mistura
Ne la miniéra stai racchiuso in cella.

T'amo cosi disconosciuta e oscura,
Tromba d'alto clamor, lira novella,
C'hai il sibilo e il tuon de la procella
Coi mesti lai di cantilena pura.

Amo il tuo succo agreste ed il tuo aroma
Di selve brute e d'oceano aperto
Io t'amo ó rude, ó doloroso idioma

In che udii da mia madre dir: mio figlio;
In che cantó Camoens, quasi in concerto,
Genio ed amor ploranti in duro esiglio.

JOSEPHINA STEFANI BERTACCHI

O primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo o namorado, por menos amigo das musas que seja, perpreta por ahi a sua literaturazinha ás occultas . Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma : ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estylista maravilhoso dos Motivos de Proteo, *escreveu certa vez : "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecerian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* Ariel. *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada. E' necessario que a mesma venha sob pseudonymo. O nome do autor virá dentro de um enveloppe fechado, tendo no sobrescripto o pseudonymo adoptado.*

"Arlequim" inicia a sua serie de concursos. E' inicio um tanto audacioso. Talvez resultado da aureola brilhante que vem com a revista desde o seu primeiro numero.

Pedir cartas d'amor? Premiar a mais bella das cartas? Mas qual o quilate para a aferição? Qual o criterio?

Entre gente moderna que usa do telegrapho sem fio e do telephone, frequenta cinemas, banhos de mar, chás e divertimentos muitos e muitos, todos de egual monta, e a educação americana cada vez mais em pratica por esse Brasil á fóra, depois de se haver infiltrado nos costumes europeus, não ha tempo para frases doces ou rudes clamores de paixões correspondidas ou contrariadas. Julietas, Romeus, Damas das camelias, todo o museu da "velha sensiblerie" "a doce musa antiga" tudo é já tão ridiculo...

Não se contrariam mais inclinações. Resolvem-se as cousas da melhor maneira. Se não fôr assim, se assim não puder ser... que seja, então, de outro modo. Haverá sempre meio de arranjar uma accommodação. Pois se até com o céo isso é possivel...

A epoca é de utilitarismo. Tudo muito pesado, pensado, reflectido, commentado e emfim resolvido. Não ha impossiveis. Tudo se adapta ao geito de viver. O velho Cupido, verdugo doutróra, é hoje o mais delicioso dos camaradas. O "flirt" facilitou as "démarches" Trocam-se olhares e... prompto. A conquista do beijo já não é mais conquista. E' uma banalidade, ainda que irrite os preconceitos de velhos hygienistas, ferozes inimigos da transmissão microbiana. Ora, entre o problematico perigo do microbio do beijo actual e os velhos estragos dos amores á antiga, certo que é preferivel aquelle.

Cupido deixou de ser carrança. Cupido é brincalhão. Se, por vezes, — e quão raras — ainda faz das antigas, logo se arrepende. Que se escreverá, pois, do thema em concurso? Quem viver verá.

"Arlequim", salvo melhor julgamento, terá ás mancheias missivas d'amor, mas missivas alegres, leves, trocistas. Está na moda a ironia. O manto do scepticismo encobre ás vezes grandes sentimentaes, sentimentaes de verdade, mas só no intimo. Sentimentaes que se escondem por medo ao ridiculo. Não tomam o amor como jogo de prazer, mas fazem mal. E' preciso viver como se vive num seculo de esporte, de nudezas e coração de "bâton" á flôr dos labios. Nada de contar horas. Fruir, fruir sempre. Uma contrariedade? Tratar de esquecel-a de prompto. Ahi está o cinema convidativo, ou o "black bottom" de estontear. Nada adeanta cultivar a dôr. Estou, porém, que só por uma frasezinha da noticia do concurso, algumas serão tambem as cartas de grande sentimentalismo. De todo não se apagou o prazer de contrariar. Os que soffrem, fazem por infernizar os exhuberantes de felicidade. E' o sal de que nos fala a comedia de Pirandello.

O concurso terá grande successo. Amores do tempo que corre. Amores, amores... Mas do amor... Quantos falarão? Talvez poucos, talvez nenhum. Para quem escreve sempre é assumpto, mas tarefa difficil pois que trata de materia em desuso... Comtudo, apromptemo-nos. Inscrevamo-nos. Missivas sem conta... E o jury? Concorramos. Concorramos todos os que escrevem em "Arlequim" e os outros. Missivas de amor... O pseudonymo encobre muita cousa. O certamen será, por certo, sensacional por todos os titulos...

ALBA DE MELLO.

Os homens do tempo dos ultimos Luizes tinham os cabellos compridos e tambem as idéas. Os nossos, de agora, são curtos, quasi sempre, de uma e outra coisa.

HONTEM E HOJE

No esbatido do "manteau" collante ha uma suggestão de verticalidade, que é quasi uma vertigem.

Os brocados ricos e as sedas em folhos e refólhos eram bem o symbolo da complicação galante do seculo XVIII.

As damas de antanho desdenhavam a seducção pernalta do gambiario á mostra, mas vingavam-se nos decotes, ostentando no desafogo do collo as setineas pomas, que inspiravam poetas e pintores.

Tanto no escorrido dos cabellos "á la gommina", como no tufado dos toucados "à la fregate", a massa cinzenta das mulheres foi sempre côr de rosa.

Contrastes e mesmices

O vestuario masculino ganhou, sem duvida, em simplicidade. Mas com as rendas e os excessos de panno os homens perderam, sem duvida, muito do seu apuro e correcção.

O Adeus de um trem que passa

Distante, um trem apita...
E' a saudade infinita!
E' um longo adeus!
O trem que ao longe passa,
demandando o sertão,
deixa no ar uma esteira de fumaça
e fagulhas no chão.
A fumaça o vento leva
e ella aos poucos se desfaz...
As fagulhas escurecem como a treva...
Mas,
em verdade,
no coração de muita gente
fica a saudade...
Ai, a saudade!
Rubro carvão
acceso
que mal o coração
pode conter...
Brasa viva...
Por mais que a molhe o pranto,
está sempre, sempre a arder!
E o trem
que ao longe segue a resfolegar,
se leva alguem
que parte alegremente,
leva tambem
muita gente
com lágrimas no olhar!

Blasco Solér

AS FRASES ALHEIAS

"Põe na imaginação braseiros de incendio, brancuras e frios de nevada, asphyxias, essencias de requintes, torturas e suavidades religiosas, harmonias bizarras de harpas, psalterios e violinos, saltos macabros de demonios intimos visões, o Céu, o Inferno, e terás uma parte do que me fizeste descobrir áquem de mim, da minha fraqueza"

"A Arte é sempre uma expressão de amor. Só produz quem ama. Que esse amor seja bom, ou máu, que importa! O que é preciso é amar."

"Que ninguem soffreie o temperamento. Ha um crime maior do que o commettido para com a liberdade do semelhante: é o que commettemos contra a nossa liberdade!"

A Renuncia do amor

Eu me prosterno, humilde, ante o poder divino
o coração vencido, aos apêllos do Bem,
me despeço do Amor e abençôo o destino
que me fez meditar nos problemas do Além.

Deixo atrás a volupia, o insensato desejo;
êrgo os braços em cruz ,a demonstrar, no gesto,
a renuncia ao peccado e a dôr em que me vejo
por ter perseverado em meu êrro funesto.

E' feliz, afinal, o que, num rito sóbrio,
sem inutil clamor, olhos postos no chão,
reconhece a miseria, o doloroso oppróbrio,
em que deixou rolar o próprio coração!

Ante o poder divino, humilde, eu me prosterno:
renuncio ao maior dos peccados mortaes,
que põe, na vida humana, os tormentos do inferno,
e os prazeres do céo, em proporções iguaes.

Passos Cabral

NAMORISCANDO

"Ha uma mulher na origem de todas as grandes coisas"

Ouvi de não sei quem, não sei onde, nem como...
— Se existe! Quem não sabe e não conhece o pomo
Que nos vive a tentar do galho da existencia?
A leitora gentil me perdoe a insolencia...
Reconheço que sou muito mal educado,
Mas sou franco a valer! Não ficando calado
Quando a idéa que tenho vem do coração!
Caixinha de segredos, eu? — Isso é que não!

Eu sou um rapaz alegre! Um "pocado" bregeiro...
Sei fazer o "mesmismo" e o faço o dia inteiro;
E no afan de viver tenho um grande ideal!
— Amo perdidamente... o que é mui natural...
Tudo o que a gente faz, num minucioso exame,
E' por causa de alguem... Si é! — "Cherchez la femme..."
Por isso fiquei calvo... e a calva luzidia
Tem me trazido um pouco de philosophia...

A leitora, talvez, ficou curiosa... é certo?
Mas cuidado commigo! E não chegue tão perto!
Fique de longe! Ahi! Ahi! Muito quietinha!
Porque eu, apezar da minha carequinha,
Amo perdidamente... a todas as mulheres...
Sou capaz de fazer-lhe um lindo "pé-de-alféres"!...

E na Cidade então?! Lá na rua Direita,
O coração, — meu Deus! — no peito não se ageita,
Dançando o "Black-Botton"... sapateia mesmo!
E vae se derretendo... e virando torresmo...
Anceia não sei que... numa eterna atalaia!
— Isso tudo porque? — Por causa duma saia!
Mas não perde o seu tempo, porque vale a pena
Ficar de bocca aberta a ver uma morena!...
Eu gosto das morenas... são tão tentadoras!
A leitora é loirinha? — Tambem gosto das louras...

Ellas passam por lá, num vestidinho leve.
O vento é malicioso... como elle se atreve!
Ha um cochicho de sedas, risos de "baton",
Um perfume suave de Gallet — "Manon"...
Iguaes ás formiguinhas, nos seus desassombros,
Vão ellas carregando a belleza nos hombros...
Vestidas de elegancia apparecem á tardinha
Para apenas comprar um carretel de linha...

Eu me ponho a sonhar... a vagar pela rua
Como um bom habitante do mundo da Lua...
Ao vel-as a passar e namorando tantas,
Eu fiquei a lembrar do mestre Julio Dantas,
Que conhece a mulher e que disse tão bem:
— "Pode-se lá viver sem ter amado alguem?"

Bem podia dizer muito mais! Mas, não digo.
A leitora é capaz de se zangar commigo...

DR. FELIX

PARA DEPOIS DO NATAL

Respeitavel pelo tamanho e admiravel pela variedade de expressões, o egoismo humano é, assim mesmo, o que mais divertido se encontra em baixo do sol. Não ha carnaval igual ao do seu ridiculo.

O crescimento da população humana constitue já assumpto de estudo para conspicuos altruistas, que se preoccupam com a repartição, no futuro, dos logares á superficie da terra, tementes decerto que a todos os seus descendentes não caiba o espaço sufficiente para a vida e para as humanas expansões de cada um. Foi o que se viu recentemente, no Congresso Internacional de População, em Genebra, durante o qual os congressistas resonaram sob o ribombar de themas como, por exemplo — "a densidade da população e o seu augmento em progressão crescente" e outros parecidos, resuscitando-se, no correr dos debates, o velho Malthus.

Na imprensa européa, houve quem notasse, aliás com mau humor, a ingenuidade convicta com que os congressistas se metteram em estudo tão perigoso, no proposito respeitavel de dar cabo ao problema, sem ao menos suspeitarem que se achavam deante de um daquelles para os quaes mais vale esperar solução dos designiios insondaveis da Mãe Natureza... Nem Malthus, nem ninguem!

Effectivamente, nesse campo difficil, onde nem tudo será gratidão para quem nelle se metta, muito temos de esperar da mysteriosa providencia, mesmo porque não é de crer que ahi deem resultado, por exemplo, planos como o do Instituto do Café e outras limitações que taes!

Mas, considerando as cousas com juizo, não faltam a congressistas e não congressistas que sympathisam com o gravibundo problema, motivos sérios para meditação. Se se considerar, imagine-se, como normal o consumo actual de productos agricolas por habitante e suppondo-se cultivadas todas as terras productivas, a capacidade do globo terrestre terá attingido o maximo quando a sua população humana fôr de 4.193 milhões ou, segundo os mais optimistas, de 5.651 milhões de habitantes. Ora, segundo calculos, assás hypotheticos ou assás mathematicos, não se sabe bem, até o anno 2004, talvez em 1984, a população humana terá duplicado, de maneira que, com poucos annos mais, o numero de viventes estará limitado, sobre a face do planeta, ao justo da sua capacidade. E não caberá mais nenhum, com inevitavel desobediencia ao preceito biblico — "crescei e multiplicae-vos". E não será por falta de espaço, mas pela escassez de alimentação, circumstancia que naturalmente será aproveitada para a criação de um bom imposto sobre o nascimento, transformando-se o registro civil numa especie de alfandega, propria para dar juizo aos casaes, evitar os contrabandos e proteger aquelles pobres entes cujo destino seria, de outra maneira, a criação de meia duzia de alheios rebentos.

Embora os nascimentos diminuam em certos paizes, o coefficiente do augmento annual da população sobe constantemente — até 1914, era de 0.864; subiu desse anno em deante até 1,159. Suppondo-se que este coefficiente permaneça invariavel, em 1984 o rebanho humano, que é hoje de 1.850 milhões, será de 3.700 milhões e, no anno 2.104, de apenas 14.800 milhões, carga excessiva para o nosso modesto globo, que não poderá sustental-a.

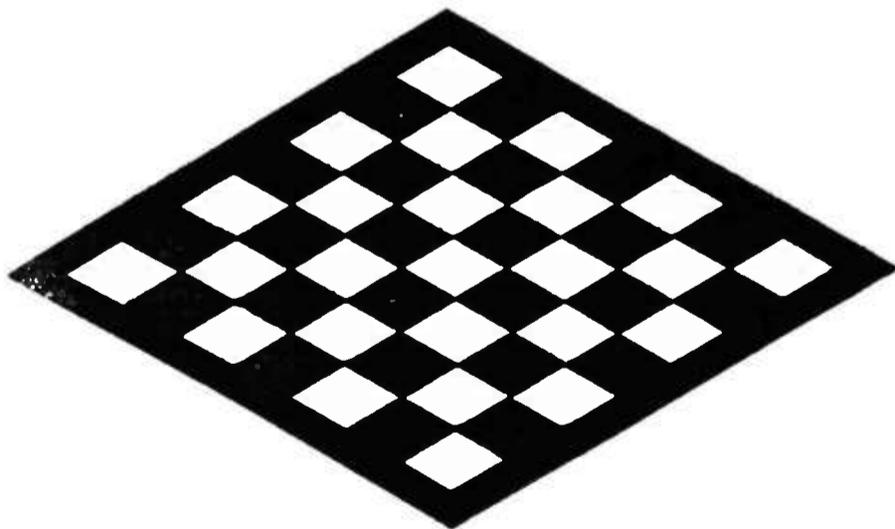
Numeros são numeros e nunca falharam desde que o vadio Pythagoras se metteu a prestar-lhes attenção. Dahi a perspectiva das scenas que, então, a fome desencadeará entre os homens, como prophetisam os calculistas.

E os mais assustadiços voltam-se para o malthusianismo, o remedinho santo que ha de evitar o calamitoso advento. Ha, porém, um grave erro na lembrança de desenterrar o arguto varão, pois o que se quer são medidas praticas e o sr. Malthus foi um incorrigivel theorico, que viveu muito em desaccordo com a sua doutrina. Elle acreditava que a população cresce em progressão geometrica e os meios de subsistencia em razão arithmetica e dessa observação de ordem geral, tirou sua famigerada doutrina, commummente mal entendida e nem sempre invocada a proposito.

O proprio Malthus foi pae de nove filhos! E não se sabe que elle tenha algum dia respondido ao interlocutor impertinente— "faze o que digo e não faças o que eu faço". Entretanto, não é impossivel que os actuaes pregoeiros da doutrina, que o mau exemplo do mestre desacreditou, outra cousa não queiram senão aperfeiçoal-a, dando-lhe aquelle complemento da jesuitica sabedoria...

Mas, discuta-se a theoria. A progressão geometrica não é uma lei geral do augmento das populações; não se verifica sempre nem em todas as nações. E caso fosse, a natureza sábia e previdente por certo não se esqueceria de impor ou offerecer, como sempre, as compensações. O augmento da população não acarreta o de producção e não aviva o espirito inventivo? Pois ahi está uma das multiplas formas de compensação. De outra parte, o homem ainda não conhece todos os recursos que offerece a natureza; deve haver muitos mais do que os conhecidos, que a luta pela vida irá desvendando a seus olhos, conforme as necessidades. Elle apprenderá, por exemplo, o processo definitivo de resumir a procreação dos casaes ao estrictamente permittido!

Depois, essa gente que trata de congressos, precisava conhecer um velho amigo nosso, que, pouco enthusiasta da perpetuação da sua especie, costumava dizer aos seus jovens camaradas, inexpertos e ainda cheios de cocegas na alma, esta sentença cheia de robusta sabedoria: "Meus caros amigos, fiquem sabendo que na manufactura dos filhos a unica cousa que presta é a mão de obra. O mais é illusão". Tivesse o Congresso de Genebra tal sabedoria e ninguem teria duvida em que o caso tambem se resolveria por uma simples sentença: "Considerando, etc. etc..., que ninguem mais vá além da mão de obra" Não é tão simples?

Hilario Menna

O proximo numero de "Arlequim" sahirá no dia 26 de Janeiro

ELEGANCIAS

Ha uma cousa que nunca consegui comprehender e perdoar no meu amigo mau: o seu atheismo.

— Não comprehendo e não perdôo.

Elle sorri.

— E' um erro seu, minha amiga — eu tambem tenho os meus deuses. Não são, é verdade, esses que andam ahi pelo mundo, moldados á semelhança dos seus crentes. Nenhum delles veio ainda á terra para se vestir de homem e dizer cousas á humanidade. Elles andam por aqui, é verdade, mas não têm formas tangiveis, nem discipulos para explical-os. A tristeza dos deuses de todo o mundo é terem deixado na terra cidadãos com procuração para explical-os e agirem em seu nome. Os meus deuses não têm procuradores. Não querem e não precisam de sectarios e claques. Não são deuses vaidosos, não são deuses politicos e biliosos que ameaçam com ostracismos eternos aquelles que se não submettem.

— Seus deuses têm nome ?

— Os deuses não precisam nomes. Entretanto, nós os homens, não saberiamos explicar ou mesmo pensar em qualquer cousa que não tenha nome. Por isso eu dei nome aos meus. Elles são tres. Desconfio, porem, que é bem possivel que sejam tres expressões de uma mesma entidade.

— Que não tem nome . . .

— Que não tem nome.

— E elles são . . .

— O Silencio, o Amor e o Perfume.

— Eu comprehenderia o Amor como deus, meu amigo, mas . . .

— Mas não comprehende como deuses o silencio e o perfume, não é?

— Exactamente.

— E' porque você nunca se deu ao trabalho de meditar, um instante, nelles. E' um defeito das mulheres bellas. Ellas olham simplesmente. Acham bastante serem objecto de meditações.

— Deixemos de galantaria e falemos nos deuses.

— Falemos. Sobre o Silencio não é preciso dizer nada. Carlyle e Maeterlinck, principalmente o ultimo, se encarregaram de dizer delle o que nunca os homens disseram dos deuses feitos a sua semelhança.

— « Le silence », por exemplo.

— « Le silence ».

— Resta o perfume. Não vejo nelle nenhum dos seus attributos de divindade.

— E' porque os attributos de divindade escapam aos homens . . . Quando falo do Perfume, não me refiro somente do que anda nos frascos de crystal, falo do Perfume que anda em tudo neste mundo, absolutamente em tudo, nas flores, nas arvores, no vento, no sol, na noite, nas cousas, animaes e creaturas. E'